

PRIMEIRA PARTE

I

Pediram-me «notas acerca da minha vida». É deveras modesto, isto de «notas»; mas «acerca da minha vida» já é mais pretensioso. Deixá-lo. Sem aprofundar muito e apenas seleccionando, sofismando aqui, suprimindo acolá — mas não em excesso — eis o que apurei:

— Nasci em 1844, em Metz, na Rue Haute-Pierre n.º 2 defronte da Escola Prática dos Cadetes de Engenharia e Artilharia. Aprendi as primeiras letras numa escola da Rue aux Ours, e a única recordação que conservo desses estudos é a imagem duma professora indulgente e duma casa pequenina. Todas as manhãs, da janela do meu primeiro andar, via passar a cavalo a longa fila dos cadetes, em uniforme de passeio ou de gala, conforme as ocasiões; e o meu coração marcial trotava e galopava com eles! Meu pai era capitão de Engenharia e em casa conversava-se muito de coisas da tropa com oficiais do regimento que vinham, uma noite por semana, tomar chá connosco e jogar ao *whist*. Que vaidade eu tinha na farda do pai! Casaca à francesa com peitilho de veludo, duas condecorações,¹ espanhola e francesa, Argel e Trocadero, bicórnio de plumas tricolores de ajudante de bata-

¹ Legião de Honra e Cruz de S. Fernando.

lhão, espada, calças azuis-escuras muito justas, listradas de vermelho e preto, com presilhas... Orgulhava-me também do seu porte soberbo e alta estatura, «como hoje em dia já não se vê», e do seu rosto sério mas bondoso, onde o hábito do comando não deixara de cavar uma ruga austera que me impunha respeito, pois eu era um autêntico diabrete quando me davam muita confiança.

Minha pobre mãe conhecia-me a fundo e a sua tolerância não a impedia às vezes de fazer justiça por suas mãos, quando lhe chegava a mostarda ao nariz. Mais tarde, conforme fui crescendo — para que? — e envelhecendo — porquê? — ela então, vencida por uma adolescência tumultuosa e uma ainda pior maturidade, costumava dizer no momento das nossas cenas (embora percebesse que eu não a acreditava) esta frase que se tornou invariável: «Tantas fazes que me verás um dia partir, sem que saibas para onde.» Não cumpriria a ameaça, e a prova é que morreu dum resfriamento contraído ao tratar-me desta doença de que ainda sofro. Muitas vezes sonho que voltamos a brigar: compreendo que não tenho razão, caio de joelhos, cheio de remorsos por a haver desgostado, quero mostrar-lhe que, daí em diante, a minha afeição será inabalável... e ei-la que desaparece, e o resto do sonho perde-se na angústia crescente duma busca inútil e sem fim. Que alegria, ao acordar! A mãe não me abandonou, foi tudo mentira — mas, terrível golpe, recupero a memória: a mãe morreu, esta é que é a verdade!

Não se conclua, todavia, que eu fosse criança perversa e maldosa. Tinha as minhas horas boas, e isso é bastante. Quem se quiser convencer veja o meu retrato pintado aos quatro anos de idade: está agora na posse do meu amigo Raymond de La Tailhède, que o obteve do malogrado Jules Tellier, a quem eu o oferecera. Representaram-me aí de touca de folhos, acolchoada ao alto, toda *azul e branca*. (O meu segundo nome, Marie, consagrava-me à Virgem, que em 1873 e 74 se lembrou do seu afilhado, quando escrevi *Sagesse* e o fiz com tanta sinceridade!) Ainda sou reconhecível

nessa deliciosa pintura. Lá estão indicados os olhos azuis, o quais, se assim me posso exprimir, empalideceram com o tempo; o lábio superior um tanto saliente; e a aparência geral de criatura originariamente boa e ingênua. Mudei assim tanto? Sou feio, concordo; mas não acredito que seja mau.

Além dos meus pais havia em casa uma prima¹ oito anos mais velha do que eu. Foi o encanto da minha infância, de cujas brincadeiras compartilhou e muita vez protegeu. Criança também como era, tornou-se de começo cúmplice inocente de certas malícias ou antes inspiradora das graças pueris que constituíram o meu código moral dessa época. Fazia vista grossa às minhas más acções, exaltava os méritos — que tão pequenos eram! — e ralhava comigo entre uma coisa e outra. Quando já crescida, dava-me bons conselhos e exemplos de submissão, de deferência e de delicadeza, que eu mais ou menos aproveitei; era como uma mãe mais pequena, autoridade não tão agradável e querida como a outra, mas talvez mais próxima de mim. Quando se casou — para morrer, coitada, poucos anos depois — a nossa afeição prosseguiu; e, cúmplice ainda como outrora, foi ela quem me forneceu o dinheiro necessário para eu publicar o primeiro livro, esses *Poèmes Saturniens* em que desabrochou o que em mim havia de fantástico e bravio.

No tempo da minha primeira infância (à qual continuo a reportar-me, depois desta digressão) os regimentos deslocavam-se com frequência. O de meu pai teve de deixar Metz pouco depois de eu ter vindo ao mundo e foi aquartelar-se em Mompilher. Da permanência aí recordo-me em especial das sumptuosas procissões, em que tomavam parte (e me assustavam bastante!) pessoas de vestes monacais de diversas cores, com predomínio do branco, de capuzes enterrados na cabeça e furados de três buracos, para facilitar a vista e a respiração. Chamavam-lhes — e chamam ainda — penitentes. Eu classificava-as de «fantasmas»!

¹ Élisabeth Moncomble.

No prédio em que habitávamos havia duas damas velhas e solteiras, negociantes de brinquedos, às quais a criada me confiava quando meus pais saíam à noite. Para mim, já se sabe, aquilo era o paraíso! Ainda tenho defronte dos olhos os tentadores bonifrates, e todos os tambores e cornetas e carrinhos, e a pá e o balde de brincar na areia, e as caixas com paisagens em miniatura, por onde se podiam distribuir soldados de chumbo — maiores do que as árvores e mais pequenos do que as ovelhas; e pastores de Nuremberga, ou tidos como tais; e tantíssimas outras maravilhas! Certa noite de Inverno em que eu estava quase a adormecer nos joelhos duma dessas senhoras, encantado de ver as coisas tomarem formas caleidoscópicas através da minha sonolência e seduzido com a música da água que fervia numa cafeteira (lembro-me tão bem como se fosse hoje!) veio-me à ideia meter a mão no líquido crego e prateado que me deliciava os ouvidos. O resultado, está-se a ver, foi uma tremenda queimadura, graças à qual fiquei por muito tempo privado do uso dum braço — e também igualmente jeitoso (ou desajeitado) de ambas as mãos, ou seja, ambidextro, se não estou em erro.

Le Peyrou! Havia tanto calor debaixo daquelas árvores quase negras, e ao comprido das sebes, espessas como paredes! Voltava de lá todo sujo de ter chafurdado na terra e ofegante de haver corrido nos passeios húmidos de sombra ou poeirentos de luz.

A minha maior aventura em Mompilher foi a seguinte: tinham-me preparado um copo de água açucarada e, quando eu a agitava com a colher, para derreter o açúcar, percebi qualquer coisa de anormal entre a efervescência das bolhas de ar que subiam e desciam em rodopio. Essa qualquer coisa era um bicharoco transparente, quase invisível, semelhante a um camarão, escondido na agitação da água. Plagiário inconsciente de Victor Hugo (que, ao ensaiar ainda os primeiros passos, se surpreendera com o irmão recém-nascido) eu exclamei «bébête» e o animal morreu, não engolido como

afirma o inexacto biógrafo Pierre-et-Paul¹ em *Hommes d'Aujourd'hui*, mas em consequência de haver sido imediatamente lançado fora.

II

Estava escrito que não devia ter muita sorte com a fauna de Mompilher — se assim me posso exprimir, o que duvido — porque, pouco tempo depois dessa aventura, adoeci e fui obrigado a suportar a aplicação duma sanguessuga. O bicho levou tão longe o seu zelo e amor do trabalho que a minha mãe, de regresso a casa, veio encontrar o filho desmaiado e a cama cheia de sangue. A criada adormecera em vez de superintender no progresso normal da operação e de retirar o voraz hirudíneo logo após o prazo normal duma sucção conscienciosa. Salvei-me dessa (ou melhor, salvaram-me); mas sou capaz de atribuir a esse incidente da meninice a palidez do rosto e a extrema brancura geral de pele que desde então mostrei.

Aqui terminam, tanto quanto me lembro, as minhas desgraças no tocante a animais daquela cidade, a não ser que inclua nessa fauna o insecto celebrado, creio eu, por Boileau:

Da minha sorte fiz ciumentos mil amantes.

(Estará certa, ao menos, a citação?) Esses insectos pululam (pululavam, no meu tempo) na boa Mompilher, a tal ponto que os habitantes, já acostumados, se lhes referiam com benevolência. Quantas vezes os ouvi chamar «amorzinhos» a esse ágeis e incómodos animáculos! Aliás, havia um processo — e haverá ainda? — bastante típico de as mulheres do mercado se desembaraçarem deles. Tinham todas um

¹ Com este pseudónimo, Verlaine escreveu a sua própria biografia, em 1886, em *Hommes d'Aujourd'hui*, onde contou o episódio acima referido.